

O corpo e o sujeito na dança contemporânea

Daniele Pires de Castro

Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UFF

Mestranda - Tecnologias da comunicação e informação – Or. Profa. Dra. Paula Sibilia

Bolsa Capes

Resumo: Este artigo divulga as primeiras conclusões de um estudo que se debruça sobre as formas de apresentação do corpo nos espetáculos de dança contemporânea brasileira na última década. Refletimos sobre a relação entre corpo e sujeito na dança, tendo em vista a emergência de uma arte permeada pela aproximação entre o orgânico e o cibernético e que prescindem da “interioridade psicológica” do artista como motivo criador. Como fundamentos teóricos, cabe mencionar: os estudos sobre o imaginário do pós-humano, que problematizam a expansão de potencialidades do corpo e suas relações; e as pesquisas sobre o declínio da interioridade, característica da subjetividade moderna que, desde a metade do século XX, começa a dar espaço a um sujeito cuja construção subjetiva é “alterdirigida”.

Palavras-chave: corpo, dança contemporânea, novas tecnologias, subjetividade

O presente artigo traz os primeiros elementos de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no âmbito do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Nosso objeto é o corpo na dança cênica contemporânea e, o objetivo, investigar as relações deste com o indivíduo dançante, demonstrando de que forma se explicitam as novas configurações de uma subjetividade característica de nossa época. Para diluir eventuais dúvidas, vamos, primeiramente, esclarecer o que entendemos por subjetividade neste caso. O termo refere-se aos modos de ser e estar no mundo e compreende a propriedade elástica de alterar-se ao sabor das diversas tradições culturais (SIBILIA, 2008, p.16). Isto quer dizer que o fenômeno da qual tratamos não é de característica estritamente pessoal, mas fruto de uma cultura que penetra as experiências, percepções, modos de pensamento e de vida dos diversos indivíduos nela envolvidos.

Esta pesquisa não teria importância se não considerássemos que estamos, na atualidade, diante de uma transformação significativa da subjetividade. O que queremos investigar é como tal mudança repercute no corpo dançante da cena contemporânea. Neste artigo, vamos nos ater a um aspecto específico desta transformação, que acreditamos estabelecer uma relação direta com a produção artística, principalmente em dança: o declínio da interioridade na construção identitária. Tal fenômeno já vem sendo estudado por muitos pesquisadores ligados principalmente ao campo da psicologia. Tentaremos descrever, adiante, os principais pontos destas pesquisas, que servirão para embasar nossas considerações a respeito da dança.

Como destaca Charles Taylor, em seu estudo sobre a constituição da identidade moderna, a oposição entre dentro e fora é basilar na formação do pensamento ocidental. Distinguímos uma esfera interior, que contém nossos pensamentos, emoções e consciência,

de uma esfera exterior, onde estão os objetos do mundo com os quais nos relacionamos. Entretanto, ele afirma, por mais forte que nos pareça essa oposição, ela não é universal, pois é uma visão de mundo construída, historicamente limitada e predominante no mundo ocidental. Na modernidade, essa distinção serviu à construção de duas esferas fundamentais para a experiência da vida nas cidades: os espaços privado e público. O primeiro era o lugar onde visão de mundo e afetos podiam se manifestar livremente, sendo indispensável, portanto, à constituição do indivíduo como um sujeito dotado de identidade própria. Era um recinto particular, como a casa ou o quarto, onde entrava em curso a intimidade e a “verdadeira essência” do indivíduo. O segundo era o lugar do convívio social, que, por conta de suas normas e regras, exigia do homem o controle de suas palavras, atitudes e emoções. O espaço público era aquele da regulação do comportamento, onde o indivíduo colocava a máscara social que escondia seu “verdadeiro eu” em nome de uma adequada interação com os outros.

Segundo Richard Sennett, por conta da estigmatização do espaço público como o lugar do regramento e, portanto, da mentira, a privacidade, com seu potencial de desenvolvimento da identidade própria e verdadeira do indivíduo, passou a ser extremamente valorizada no decorrer dos séculos XVIII e XIX. Paula Sibilia destaca, por exemplo, a importância dos diários íntimos na cultura burguesa: os relatos de si, escritos na esfera íntima dos quartos privados, serviam à expansão da subjetividade e à auto-afirmação da individualidade. Quanto a isso, vale mencionar uma faceta fundamental da identidade moderna, indicada por Taylor: a importância dada à capacidade poética do homem. A valorização de uma esfera interna de existência articula-se à idéia de realização pessoal através da expressão, quer dizer que o que está posto em primeiro plano não é apenas a liberdade de manifestação de um pensamento já formulado, mas a possibilidade de sua construção. Esse processo fica mais claro quando pensamos na criação artística, que foi, durante o século XIX e boa parte do XX, a realização do poder poético do indivíduo a partir da expressividade criativa de sua interioridade própria. A arte assume, nesse contexto, um lugar central na vida espiritual e é reinterpretada, passando finalmente de mimese para expressão de uma subjetividade interior e individual.

Como apontamos na introdução deste artigo, a presente pesquisa não teria importância se não considerássemos que estamos diante, na atualidade, de uma transformação significativa da subjetividade. A arte, que, na modernidade, mantinha a função fundamental de expressar as profundezas singulares do indivíduo criador, será deslocada na medida em que as certezas a respeito da existência de um eu único se pulverizam. Para muitos estudiosos, esse desmanchar-se pode ser relacionado à crise das metanarrativas tradicionais na formação dos valores individuais e coletivos que, de alguma maneira, ajudavam a nortear pensamentos, atitudes e proviam o homem de explicações

acerca do mundo. No entanto, dizer que essas crenças e valores supra-individuais entraram em crise, não significa dizer que o homem de hoje constrói seu olhar sobre o mundo e sobre si mesmo a partir do nada. Cada vez mais, uma tese tem ganhado força: a de que a ciência assume o lugar do discurso totalizante, trazendo consigo a compreensão do homem e dos outros corpos do mundo a partir de uma perspectiva biologizante. A genética e a neurociência emergem como as portadoras de explicações sobre traços hereditários, doenças, comportamentos e personalidade. Desse ponto de vista, a idéia de uma interioridade singular e enigmática, que por muito tempo a psicanálise se encarregou de explorar e a arte de expressar, perde espaço.

Segundo Sibilía, é notório que a “interdireção” - traço característico da subjetividade moderna ocidental - vem perdendo sua importância como elemento definidor daquilo que cada um é. Esse declínio provoca um deslocamento do eixo em torno do qual o indivíduo constrói a si mesmo: da alma subterrânea, invisível e “verdadeira”, rumo ao corpo e sua imagem visível e cambiante. Os interesses, os gostos, as preferências, as opiniões, os afetos e as crenças estão à mostra no contorno exterior da pele e nos perfis digitais que se proliferam na rede mundial de computadores. Como adornos que cobrem e enfeitam um corpo, esses múltiplos aspectos da personalidade podem ser retirados, trocados e adicionados. Essa identidade que se produz e se afirma a partir do exterior (e para ele) possui, como um importante atributo, a possibilidade (e, porque não, a exigência) de ser fluída.

As novas tecnologias de comunicação corroboram este tipo de construção identitária ao multiplicarem as condições de visibilidade. Na perspectiva analisada por Taylor, “ser alguém” implicaria o cultivo de um espaço particular de intimidade, que poderia obviamente ser vinculado à expressão de si, mas somente como resultado e instrumento de uma introspecção. Os atuais dispositivos de conexão tornam o quarto privativo, antigo reduto de tal interiorização, uma porta de acesso ao mundo exterior. É nessa abertura que se constitui o “ser alguém” contemporâneo: é preciso estar em constante e ativo contato – comentar, curtir, discutir, compartilhar, acessar, seguir, postar -, não como forma de expressar um eu único de bordas bem delimitadas, mas como forma de se construir a partir da e para a relação com os outros.

Nesse contexto, não podemos afirmar que a arte, predominantemente, cumpre hoje as mesmas funções expressivas que aquelas detectadas por Charles Taylor em sua análise do indivíduo moderno. Se a construção identitária, em uma perspectiva contemporânea, tende a diminuir a entrância de alguns fatores – como valores transcendentais e individualidade psicológica - e privilegiar outros – como engajamentos fluídos e individualidade corporal -, a arte, sendo efeito e instrumento de uma subjetividade localizada no espaço e no tempo, abarcará essas transformações. Voltando nossos olhares

para a dança, percebemos que muitos estudos sobre sua história já detectaram como diferentes condições sócio-culturais são capazes de criar terrenos propícios para o desenvolvimento de novas técnicas, bem como diversas perspectivas sobre o estatuto da representação na dança. O nosso intuito é pensar um terceiro elemento que, interconectado com os outros dois, consiste em mais um ponto de apoio no pensamento sobre o corpo na dança: a construção de si.

O corpo dançante de hoje não procura como um dia já reivindicou Martha Graham: “tornar visíveis as realidades interiores escondidas sob os símbolos aceitos”¹, mas intenciona experimentar sua condição de mutabilidade a partir da relação com o outro. Torna-se mais recorrente o interesse pela imprevisibilidade dos encontros, o que parece levar, para os laboratórios de criação e para a cena, uma realidade diariamente vivida de um mundo de múltiplas e inesperadas conexões. No entanto, localizada no corpo, a experiência do contato produzirá outros níveis de troca que não aqueles da linguagem: ela estará situada no âmbito da energia².

Assim, defendemos que o declínio da interioridade como esfera fundamental da construção identitária provoca modificações na dança cênica contemporânea. No lugar de expressar valores ou realidades interiores, o corpo dançante privilegia seu caráter mutável que abrange uma identidade fluída e a rede de gestos, sentidos e sensações na qual está inserido. O que importa é menos a certeza e a afirmação de si e mais as possibilidades de sua própria reinvenção a partir dos estímulos que não cessam. Propomos, portanto, que a dança, em face dos mesmos pressupostos que dão forma a uma cultura das aparências – a exteriorização da subjetividade, a crise de valores, a rede de visibilidades –, irá enveredar-se, entretanto, por outro caminho: aquele de uma cultura das relações, redimensionando o papel do outro e da experiência compartilhada na construção de uma identidade individual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, Carlos Alberto (org.). *Transgressões*. Rio: Contracapa, 2002, p. 229-239.

COSTA, Jurandir. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GIL José. *Movimento total: o corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

¹ Roger Garaudy cita, no livro *Dançar a vida*, essas palavras de Martha Graham, que mostram, segundo o autor, a influência da psicanálise de Freud e dos arquétipos de Jung em sua obra.

² Infelizmente, devido ao espaço disponível, não poderemos desenvolver questões relacionadas à energia nesse momento. Na continuidade desta pesquisa, pretendemos retomá-las tendo em vista a perspectiva de autores como José Gil e Patrice Pavis.

LASCH, Christopher Lasch. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

PAVIS, Patrice. *A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.